ANO III • Nº 3 • ABRIL 2014 • SANTOS

CLUBE DO CHORO

DISTRIBUIÇÃO GRATUITA



12 ANOS
LEVANDO A CULTURA A SÉRIO

Choro das 3 traz "Boas Novas"

O grupo apresenta-se no 12º aniversário do Clube do Choro de Santos, lançando seu novo CD "Boas Novas", com choros inéditos.

APOIO

revista clube do choro.indd 1 14/04/2014 18:22:07

Nem Pixinguinha imaginava um trio tão refinado.

PRONOME.COM.BR



Santos: Rua Carvalho de Mendonça, 297/299 – Tel: 13 3229 7272
Praia Grande: Av. Pres. Kennedy, 2960 – Tel: 13 3348 4242
www.dapevel.com.br

DAPEVEL

revista clube do choro.indd 2 14/04/2014 18:22:08

VELHAS HISTÓRIAS, MEMÓRIAS FUTURAS

Esta 3ª edição de nossa revista cultural celebra os objetivos alcançados pelo Clube do Choro de Santos em 2013 e neste início de 2014. Novas metas serão atingidas neste ano em que completamos 12 anos de existência, como o funcionamento de nossa Sede Social, no boulevard da Rua XV de Novembro, centro histórico, viabilizada através de convênio firmado com a municipalidade, onde ser realizarão saraus, rodas de choros e apresentações dos alunos da Escola de Choro e Cidadania Luizinho 7 Cordas, workshops, bem como atividades socioculturais e voltadas à cidadania. Foi firmada parceria com a Nita Alimentos e implantado o 1º Núcleo da Escola de Choro, na Casa Vó Benedita II, cuja parceria, uma via de mão dupla, possibilitará ao Clube do Choro transmitir sua expertise e encaminhar os jovens atendidos para cursos do programa Jovem Aprendiz.

O "Choro no Futuro" foi o tema escolhido para as comemorações do Dia Nacional e Municipal do Choro. E o grupo convidado para abrilhantar essa efeméride é o "Choro das 3", recém-chegado de uma turnê de sucesso nos Estados Unidos, que durou mais de dois meses, onde realizou 30 concertos e workshops em 20 estados americanos. O "Choro das 3" foi formado, em 2003, por três irmãs e seu pai: Corina toca flauta e flautim; Lia, violão de 7 cordas; Elisa, bandolim, clarinete, banjo e piano e o pai delas, Eduardo, toca pandeiro.

O choro nasceu, como um jeito de tocar a polca, a schottisch, a valsa, enfim os ritmos estrangeiros de maior prestígio no Brasil em fins do século XIX. Ritmos que foram se abrasileirando, ficando morenos sob o sol escaldante da terra brasilis. No início do século XX, o choro tornou-se um gênero musical, com forma definida, graças aos pioneiros Joaquim Callado, Chiquinha Gonzaga, Anacleto de Medeiros, Henrique Alves Mesquita, Ernesto Nazareth e, é claro, Pixinguinha, que foi o maior símbolo desta música. Para se ter uma noção da beleza e da dimensão do choro na música popular brasileira, basta lembrarmos alguns grandes chorões: o próprio Pixinguinha, Jacob do Bandolim, Waldir Azevedo, Radamés Gnatalli, Garoto, Raphael Rabello, Paulo Moura, Abel Ferreira, Paulinho da Viola. Sim, Paulinho é mais conhecido como sambista, mas teve no Choro sua iniciação musical, através de Cesar Faria, seu pai, violonista do Época de Ouro, conjunto de Jacob, e compõe choros belíssimos e contemporâneos.

A propósito, tomando Paulinho como exemplo, ele se situa no hiato entre o moderno e o tradicional. Segundo o professor Eduardo Granja Coutinho "a preocupação de Paulinho era a de que associassem sua imagem ao culto ao novo ou, por outro lado, ao culto à tradição". Sem dúvida, a tradição se faz presente em sua obra, mas como permanente mudança, no sentido de que, como afirma o professor, "o passado resgatado tem importância na medida em que diz aos interlocutores atuais alguma coisa sobre o presente e desta forma garante projeção ao futuro. Nessa perspectiva, a tradição se constitui como um projeto consciente de transformação da realidade".

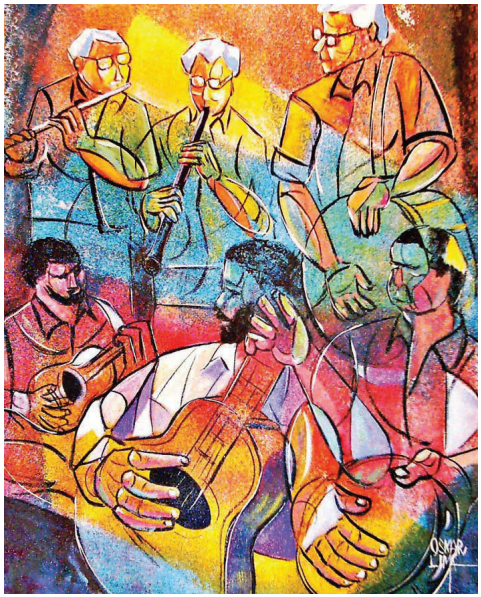
E é isso que o Clube do Choro de Santos se propõe refletir, convidando os escritores José de Almeida Amaral Junior, Thaís Matarazzo e os músicos Alex Mendes e Roberta Valente, além de seus diretores para opinarem sobre o assunto nesta revista, com suas raízes e contemporaneidade.

revista clube do choro.indd 3 14/04/2014 18:22:09

O CHORO NO FUTURO

por Marcello Laranja*

Reminiscências, nostalgias e saudosismos à parte, está mais do que na hora de mudar esse entendimento. É preciso observar o prosseguimento natural das coisas, no caso em tela, o Choro, primeiro estilo de música popular brasileira urbana. Chega de atrelá-lo a coisas do passado, temos que vê-lo hoje e acompanhar sua evolução. Não podemos, em hipótese alguma, ficarmos estacionados no tempo e no espaço, sob pena de matarmos uma das manifestações mais preciosas da música brasileira. O ser humano é mutável, portanto, é preciso ter consciência de que tudo muda e que, de alguma maneira - ou de todas - evolui. Nos primórdios, Joaquim Antonio da Silva Callado Jr., Chiquinha Gonzaga, Anacleto de Medeiros, Ernesto Nazareth, Patápio Silva, Viriato Figueira, Sátiro Bilhar e Quincas Laranjeira, alguns dos precursores, era de uma forma; depois surgiram Pixinguinha, Radamés Gnatalli, Benedito Lacerda, Canhoto, Dino, Meira, Jacob do bandolim, Altamiro Carrilho, Waldir Azevedo e o Choro foi se desenvolvendo naturalmente, cada um com seu mais personal estilo, tanto de interpretação quanto de composição. Na sequência vieram outras magníficas gerações de grandes chorões que mostraram - e mostram - seu talento. Atualmente, as mais recentes gerações de fantásticos chorões prosseguem com grande gabarito o trabalho desenvolvido pelos antecessores, aliás, nem poderia ser diferente, todos beberam naquela fonte de água cristalina. A obra é clássica e de absoluta qualidade, ponto pacífico, não cabe mais nenhum tipo de questionamento. Então é preciso mudar esse repertório que, circunstancialmente, tornou-se batido justamente pela falta de coragem dos músicos em interpretar obra nova e dos produtores em tentar, pelo menos, mudá-lo. É importante abrirmos espaço para os novos compositores. Eles, sem dúvida nenhuma, tem todo o direito e merecem mostrar seus trabalhos. Sem nenhum demérito ou desrespeito a este passado magnífico, temos composições muito bem elaboradas, instrumentistas fantásticos, alguns que até já enveredaram por outros caminhos sem jamais perder a essência. Entendo que é preciso observarmos o que temos hoje, pois, da mesma forma, existe uma obra de absoluta qualidade, sob pena de não deixarmos o estilo prosseguir o que o faria perecer. Acho que daqui pra frente teremos muitas novidades em matéria de Choro, não só no Brasil assim como no exterior.



*Presidente do Clube do Choro

revista clube do choro.indd 4 14/04/2014 18:22:10

ESCOLA DE CHORO
FORMANDO JOVENS E TRANSFORMANDO VIDAS POR MEIO DA MÚSICA

POR LUIZ FERNANDO ORTIZ*



ADEMIR SOARES

Boa música não tem idade. Nem para ouvir, nem para tocar. É comum ver a garotada parar e ficar prestando a maior atenção nos meninos chorões, alunos da Escola de Choro e Cidadania Luizinho 7 Cordas, quando estes se apresentam nos mais diversos locais da cidade. A cena, que sempre se repete é um alento; significa que tem uma meninada 'boa de serviço' por aí, tocando música de qualidade e outra geração mais jovem, contagiada pela beleza atemporal de um bom chorinho…

A escola, que é totalmente gratuita e atende crianças e adolescentes de 9 a 17 anos, funciona no Mercado Municipal e é mantida pelo Clube do Choro em parceira com a Prefeitura de Santos. Esse programa de atendimento está inscrito no Conselho Municipal dos Direitos da Criança e do Adolescente e o Clube do Choro, instituição mantenedora, ocupa cadeira no Conselho Municipal da Juventude de Santos.

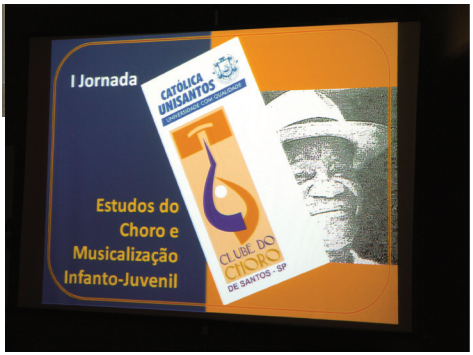
Em dezembro de 2013 formamos nossa primeira turma em concorrida cerimônia na Pinacoteca Benedito Calixto coroando esse trabalho que dá os primeiros frutos de muitos que virão. Foi um evento muito especial, regado com música de altíssima qualidade executada pelos nossos jovens e talentosos formandos que emocionaram a todos os presentes. Parabéns a todos !

Nesse ano de 2014, comemoramos o 3º. Aniversário no dia 02 de abril e as grandes novidades são o patrocínio da Nita Alimentos e a criação do 1º Núcleo da Escola de Choro e Cidadania Luizinho 7 Cordas, que passará a funcionar na Casa Vó Benedita II. Duas parcerias a serem bastante comemoradas sina-

revista clube do choro.indd 5 14/04/2014 18:22:11



LUIZ FERNANDO ORTIZ



lizando que estamos no caminho certo para a renovação e o despertar de novos músicos desse tão importante gênero musical que é o Choro.

Destacamos em fotos algumas atividades da escola no decorrer do ano passado, dentre inúmeras outras realizadas, no intuito



ADEMIR SOARES

revista clube do choro.indd 6 14/04/2014 18:22:13

LUIZ FERNANDO ORTIZ



de ilustrar o quão importante a música e a sensibilidade por ela despertada, que invariavelmente vem acompanhada de disciplina, persistência e muito estudo, é na vida de qualquer pessoa e em especial dessas crianças e adolescentes atendidos pelo projeto.

Importante frisar que a escola todos os anos realiza campanha com o intuito de receber doações de instrumentos, novos e usados.

Agradecimentos especiais a Nita Alimentos, ao nosso amigo Luthier Edilson Horneaux, aos nossos voluntários que dedicam precioso tempo de suas vidas em prol de nossos alunos e a todos que colaboram na execução desse projeto sócio-cultural, que acreditamos, faz a diferença na vida de muitas dessas crianças e adolescentes.

*Diretor da Escola





revista clube do choro.indd 7 14/04/2014 18:22:15

DE VOLTA PARA O FUTURO

.....por Renê Rivaldo Ruas*

"Não se tira nada de nada, o novo vem do antigo, mas nem por isso é menos novo." (Bertolt Brecht)

Certa vez, descontente com os caminhos ou descaminhos da Musica Popular Brasileira, o genial, turrão e irascível Jacob do Bandolim, vaticinou o fim do Choro.

Jacob do Bandolim, falecido em 1969, não teve tempo, infelizmente, de constatar que a sua profecia estava totalmente equivocada.

Devemos entender, entretanto, a desilusão do Jacob com os rumos da MPB, pois que, naquele período, onde, além do lixo internacional, imperava a ditadura das gravadoras que só se interessavam por música comercial e a histórica fobia do público e da mídia brasileira pela música instrumental.

Claro está que a situação piorou para pior. Se Jacob estivesse vivo ainda já teria sofrido uns oitocentos enfartes, pois mesmo com a negação do Choro naquele período, ao menos o País fervia com os Festivais e o aparecimento de grandes compositores. Atualmente o que se percebe, além da histórica aversão pela música instrumental, é a massificação da burrice, a vulgarização da música popular e uma vergonhosa subserviência ao dinheiro pelo dinheiro sem uma clara e transparente disseminação da cultura nacional.

Porém, mesmo com toda essa bizarrice musical que se produz no País, o Choro vai muito bem obrigado. Graças aos esforços dos Clubes de Choro do nosso imenso Brasil e dos Clubes de Choro espalhados por esse mundão de meu Deus, o Choro se mantém vivo e bem vivo descobrindo talentos incríveis e instrumentistas geniais como Hamilton de Holanda, Danilo Brito, Jorge Cardoso, Yamandu Costa, as irmãs do Choro das Três, além do inesquecível Raphael Rabello que, pela sua genialidade, conseguiu influenciar uma grande geração de craques do violão de 7 cordas.

É de se louvar a iniciativa do Clube do Choro de Santos que, assim como o Clube do Choro de Brasília e a sua bem sucedida Escola de Choro Rafael Rabello, criou em 2011, a primeira Escola de Choro de Santos, a Escola de Choro e Cidadania Luizinho 7 cordas que, sem dúvida alguma, vai dar ao Choro, em nossa região, um futuro brilhante e promissor.

Esse pessoal, assim como Pixinguinha, Jacob, Waldir, Dino 7 Cordas e tantos outros em outros tempos, prepararam o Choro para o século XXI mantendo a velha chama da tradição, somando-se aí a vanguarda e a atemporalidade do Choro, pois afirmo, sem medo de errar que o Choro por si é a própria modernidade e a essência da alma do povo brasileiro.

Finalmente, num dia desses, o querido amigo Luiz Pires, numa discussão sobre o futuro do Choro, perguntou o seguinte: "Quando começa o futuro?" Óra meu caro o futuro do Choro começa "Na próxima roda de Choro!".

* Escritor



CARAMURU

revista clube do choro.indd 8 14/04/2014 18:22:15

"A NOVA GERAÇÃO DO CHORO DE SÃO PAULO"

.....por Roberta Cunha Valente*

Quando eu comecei a tocar pandeiro, há 20 anos, não havia outro modo de aprender a não ser olhando seus mestres. Você tinha que insistir muito pra um chorão dar aula. E eles se recusavam. No máximo davam dicas de como estudar e sugestões de que disco ouvir, em que (poucos) bares assistir apresentações,etc. Hoje, temos Clubes do Choro espalhados pelo Brasil (e pelo mundo todo), ensino formal em várias escolas como a Escola de Choro e Cidadania "Luizinho 7 Cordas", em Santos, iniciativa do Clube de Choro de Santos, a Escola Brasileira de Choro Raphael Rabello, iniciativa do Clube de Choro de Brasília, a Escola de Música do Auditório Ibirapuera (em SP) e a Escola Portátil, no Rio de Janeiro, que formam centenas de alunos todos os anos, dentre outras Brasil afora. Fora as ONGS e Oscips que trabalham com ensino musical como o seriíssimo Instituto Choro Blue, aqui de SP, fundado pelo americano John Berman.

Temos muitos jovens virtuoses tocando Choro divinamente por todo o Brasil. Acho perigoso citar nomes, porque fatalmente vamos esquecer de alguém, mas também não posso deixar de falar de alguns instrumentistas brilhantes aqui de SP como o bandolinista Danilo Brito, o flautista Rafael Beck. E o que falar do baiano residente em São Paulo Messias Britto? É o solista de cavaquinho mais rápido e talentoso que eu já vi. E o bandolinista Fabio Peron que toca desde os 5 anos de idade? Bem como as irmãs Corina, Lia e Elisa. E os percussionistas Leo Rodrigues, Rafael Toledo, Yves Finzetto, o baterista genial Douglas Alonso, meu ídolo máximo, o bandolinista e cavaquinista Henrique Araújo, o rei do ritmo. E o excepcional clarinetista Alexandre Ribeiro que já é, sem dúvida nenhuma, um dos maiores expoentes em seu instrumento. Enfim, são muitos músicos incríveis. Não daria pra citar todos, isso pra falar só em São Paulo. Ah, e quase que eu esqueço do Gian Correa que, com apenas 25 anos, já é um dos maiores violonistas de 7 cordas do Brasil...Gian começou a tocar aos 6 anos de idade, mas não violão, e sim cavaquinho. Aos 13, gravou seu primeiro CD. Nunca vou me esquecer quando, alguns anos depois, ele chegou pra mim e declarou: "-Ro, quero te contar uma coisa: agora eu tô tocando 7 cordas...". Eu fiquei feliz e tentei estimulá-lo: "-Ah, que bonitinho, quero ver...". Mas qual não foi minha surpresa quando ele mandou uma baixaria que deixaria orgulhoso nosso mestre Dino 7 Cordas... fiquei perplexa. São pouquíssimos os instrumentistas que conseguem tirar essa sonoridade do violão de 7 cordas, e o Gian parece que nasceu tocando.

Fico muito feliz por essa geração ter tanto acesso à informação, ao ensino, à internet, à música do mundo todo. E devo dizer: temos muito o que aprender com eles.

*Pandeirista, produtora e pesquisadora

Sinhá
Faz a receita perfeita
Yellow Tour

revista clube do choro.indd 9 14/04/2014 18:22:15

QUARTETO ECONOMIA

Chery, a linha de automóveis que oferece muito mais por muito menos.



QQ: MODELO 2014 - R$24.990,00 IPVA GRÁTIS
CELER HATCH: MODELO 2014 - R$33.490,00
FACE: MODELO 2014 - R$29.990,00
TIGO: MODELO 2014 - R$51,990,00*
*MODELO MECÂNICO

SANTOS: AV. SENADOR FEIJÓ, 629
TEL.: (13) 3202.7272 - WWW.AUTOASA.COM.BR

CHERY
AGORA BRASILEIRA!

Autoasa

PIXINGUINHA,
O REVOLUCIONÁRIO DO CHORO

POR THAIS MATARAZZO*



Excepcional músico, instrumentista, chorão e compositor, Pixinguinha é uma das maiores expressões da música popular no Brasil. Repleto de sensibilidade e inteligência, nos seus 75 anos de existência, chorou na sua flauta "todas as mágoas de amor", como afirmou o poeta Vinicius de Moraes.

Foi pioneiro em vários sentidos. Soube captar, como poucos, toda a aglutinação musical do Brasil no início do século XX. Mesclou em seus arranjos, os sons de instrumentos europeus e africanos.

Batizado como Alfredo da Rocha Vianna Filho, nasceu no Rio de Janeiro, aos 23 de abril de 1897, Dia de São Jorge e de Ogum. Cedo iniciou seus estudos musicais. Em 1911, aos 13 anos, passou a integrar o bloco carnavalesco Filhas da Jardineira, levado pelo professor Irineu de Almeida. Pouco tempo depois, estreava profissionalmente tocando em cafés, cinemas, teatros e onde fosse requisitado. A medida em que progredia nos estudos, seu virtuosismo impressionava.

Em 1919, Pixinguinha, João Pernambuco, Lulu Cavaquinho, João da Baiana e outros amigos integravam o Grupo Caxangá, que desfilava e tocava nas ruas da Cidade Maravilhosa durante o Carnaval. Faziam muito sucesso. Acabaram por serem contratados para trabalharem no luxuoso Cine Palais. Nasceu naquele momento, o fabuloso conjunto "Oito Batutas": Pixinguinha (flauta), José Alves (bandolim), Raul Palmieri (violão), Jacó Palmieri (pandeiro), Nelson dos Santos Alves (cavaquinho), Donga (violão), Luís de Oliveira (bandolim e reco-reco), Otávio Vianna (piano, violão e canto), mais conhecido como China, irmão de Pixinguinha. Juntos viajaram pelo Brasil, Argentina e Europa.

Pixinguinha foi um dos primeiros arranjadores brasileiros. Na década de 1920, só eram encontradas para compra partituras estrangeiras, procedidas dos Estados Unidos e Europa. Pixinguinha começou a arranjar músicas de carnaval, inaugurando uma nova fase na orquestração brasileira.

Dentre sua vasta produção, o flautista apontava o choro "Ingênuo" como sua composição preferida, uma parceria com Benedito Lacerda. A primeira parte foi composta em 1946 e a segunda foi aproveitada do choro "Sofres porque queres", de 1920.

Em 1946, Pixinguinha deixou a flauta de lado, por problemas de saúde, e adotou o saxofone. Formou dupla com o flautista Benedito Lacerda e gravaram uma série de choros inesquecíveis como "Um a zero", "Sofres porque queres", "Proezas de Sólon", "Oito Batutas", "O gato e o canário", "Ainda me recordo", entre outros.

*Jornalista e escritora . Autora do livro "Artistas Negros da Música Popular e do Rádio"

revista clube do choro.indd 11 14/04/2014 18:22:16


Leve momen
para su
nita
Cook
MISTURA PARA PREPARO DE BOLO TIPO
Petit Gateau
Peso Líquido
450g
nita
Cook
MISTURA PARA PREPARO DE BOLO TIPO
CupCake
sabor Chocolate
Peso Líquido
350g
nita
Cook
MISTURA PARA PREPARO DE BOLO
Integral
Peso Líquido
350g
nita
Fermento
em Pó Químico
100g
www.nit


tos deliciosas
a casa!
nita
Cook
MISTURA PARA PREPARO DE BOLO SABOR
Chocolate
Peso Líquido
450g
nita
Premium
Extraída da parte mais nobre do trigo.
Extra Clara.
1kg
nita
Farinha de Trigo
tipo 1
1kg
ta.com.br
nita
Alimentos

ZÉ BARBEIRO E O PÉ DE CACHORRO

por Luiz Pires*



LUIZ FERNANDO ORTIZ

O Clube do Choro de Santos ganhou de presente do violonista Zé Barbeiro, inusitado choro de sua autoria denominado "PÉ DE CACHORRO", que rende homenagem aos conselheiros da entidade, Adilvaldo Peres (Valdo) e Newton Silva (Newtinho), pela inspiração do tema. Composto em novembro de 2009, após visita do compositor ao Clube do Choro, foi apresentado em primeira audição pelo grupo Pau & Corda, formado por Zé Barbeiro (violão 7 cordas), Alexandre Ribeiro (clarinete) e Luizinho 7 cordas (violão), durante show realizado no teatro Guarany, em Santos, no dia 28/06/2011, em comemoração ao Dia Estadual do Choro.

Zé Barbeiro é herdeiro da tradição dos músicos barbeiros do começo do século XX. Em sua obra concilia o tradicional e o moderno em uma linguagem alegre, desafiadora, propondo um modo particular de choro, com uma rítmica arrojada e inovadora que aponta novos horizontes para a renovação desse estilo musical.

Sem bula explicativa ou contraindicações, assim é a obra do compositor Zé Barbeiro. Exprime seu pensamento de modo fiel, sem concessões a qualquer esquema escolástico. Seus temas recebem nomes bem-humorados, como "Clarinetista Enchendo o Sax", "Chorâmbulo", "Bafo de Bode", "No Salão do Barbeiro", "Sessedentário", "Chá de Macaco", "Koolongo", dentre outros e mantêm a mesma pegada de brincadeira.

Valdo e Newtinho nos contam que a alcunha "PÉ DE CACHORRO" se originou na década de 70, ocasião em que havia em Santos um contra-

revista clube do choro.indd 14 14/04/2014 18:22:17



baixista que fez parte dos conjuntos "Trilha Sonora" e "Classe A", o qual, a todo músico ruim dizia: - "Este aí é um pé de cachorro"...! Portanto, ficou sacramentado entre os músicos que o cara que maltrata o instrumento é um pé de cachorro"...!

Importante ressaltar que a expressão foi estendida aos botequins de décima-quinta categoria que ficaram conhecidos também como "Pé de Cachorro"...!

PENEZZI, CHORÃO DE CORPO E ALMA

O multi-instrumentista piracicabano Alessandro Penezzi também merece destaque nesta edição. Com formação em Choro, desde os 13 anos apresenta-se profissionalmente, tendo acompanhado artistas como Carlos Poyares, Noite Ilustrada, Silvio Caldas, Dominguinhos, Laércio de Freitas, Yamandú Costa, Beth Carvalho, Época de Ouro, Arismar do Espírito Santo, Oswaldinho da Cuíca, Proveta, Danilo Brito, Aleh Ferreira, André Mehmari, Maurício Carrilho, Luciana Rabello, Joel Nascimento, Rogério Caetano, Orquestra Jazz Sinfônica de São Paulo, entre outros.

Em 2003 passou a tocar com o grupo Choro Rasgado, encontrando no mestre Zé Barbeiro um parceiro ideal para seus voos instrumentais. Em 23/04/2010, Penezzi, Zé Barbeiro e o Choro Rasgado fizeram o show em comemoração ao "Dia Nacional e Municipal do Choro", no Teatro Guarany, em Santos.

Penezzi se diz "chorão de corpo e alma" e tem como mestres Baden Powell e Raphael Rabello.

O músico está entre os bambas, camisa titular na Seleção Brasileira do Choro. Mestre instrumentista, inventor de belezas musicais e intérprete de múltiplos brasis.



* é Vice-Presidente do Clube do Choro

revista clube do choro.indd 15 14/04/2014 18:22:18

RODAS DE CHORO MOVENDO-SE AO FUTURO

.....Prof. José de Almeida Amaral Júnior*

Bola de cristal, jogo de búzios, cartomante/ Eu sempre perguntei/ Como será o amanhã/ Como vai ser o meu destino? (João Sergio)

Pensar o futuro é decifrar os significados dos caminhos já percorridos pela história. Esta é um fenômeno cultural, uma tentativa do ser humano passar/ transmitir saberes/ experiências às gerações posteriores. A história é memória, busca da conservação da existência, laço entre o ontem e o hoje e, mais que isso, recurso contra a catástrofe inexorável da morte. Por isso, nos diversos grupos humanos marca-se, conta-se, documenta-se, constrói-se a história para que fatos e pessoas sejam perpetuados no tempo, no futuro.

Jacob Pick Bittencourt, mais que bandolinista e compositor, foi um meticuloso pesquisador do choro. Ele arriscou, pelas suas avaliações, em uma entrevista concedida para o jornal paulista O Tempo, na primeira metade dos anos 1950, um destino trágico para o gênero: em 10 anos acabaria sua história. O violonista paulistano Antonio D'Áuria, líder do Conjunto Atlântico, muito amigo de Jacob e que realizava semanalmente uma tradicional roda que recebia chorões de todo o Brasil na Barra Funda, em entrevista ao Jornal da Tarde, no fim dos anos 70, foi menos enfático, mas também pessimista quanto ao porvir: 'o choro é complicado, o jovem hoje tem mais facilidade com a música pop, assim, a renovação é difícil'. São dois exemplos entre vários. E eles erraram. Como diria Assis Valente 'o tal do mundo não se acabou'. Porém, não virou um mar de rosas. É preciso atenção.

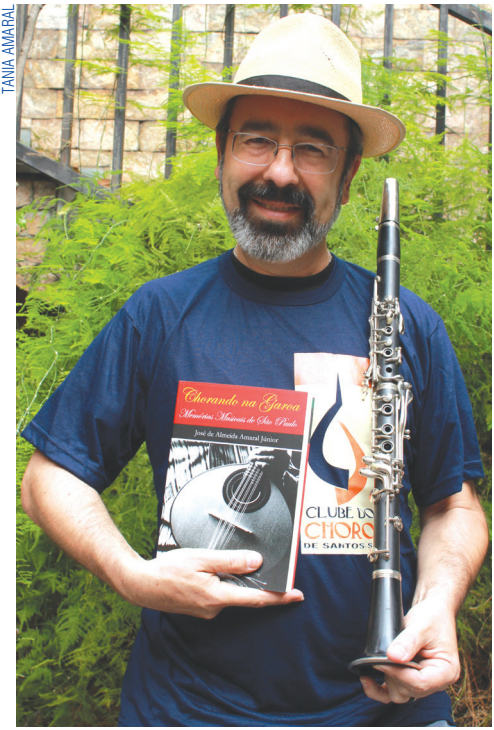
Se observarmos a trajetória do choro historicamente falando, podemos notar que as décadas que dobram a esquina do século XIX para o XX trazem os chorões como um grande número de músicos. Isto é provado pelo livro "O Choro" redigido em 1936 (quando o país tinha cerca de 70% de sua população no meio rural) por Alexandre Gonçalves Pinto, o Animal, carteiro violonista/ cavaquinista, traçando um perfil pioneiro das primeiras gerações de chorões cariocas, com mais de 280 nomes. Precioso documento. O choro estava nos quintais, nas festas, nos bares, nos teatros e nos coretos. As bandas tocavam choro. Foram escolas de instrumentistas. Elas fizeram as primeiras gravações mecânicas no Brasil e os chorões reinavam.

Aos poucos, com o aperfeiçoamento do processo de gravação pela eletricidade e a radiodifusão a partir dos anos 1920, temos paulatino avanço da musica cantada em relação à instrumental (característica marcante do choro, embora existam vários choros cantados). Além disso, outros gêneros, internos e estrangeiros, vão tomando sistematicamente a atenção do público. Os 'regionais', conjuntos do choro, vão acompanhar as vozes do rádio, ocupando um lugar mais restrito para o gênero propriamente dito. Contudo, em que pese a pressão cada vez maior sofrida com a questão mercadológica, o choro foi buscando driblar as adversidades, incorporando elementos novos, sejam instrumentais, regionalistas ou nas próprias harmonias. Sempre foi assim. Sem deixar o espírito original. É uma linguagem brasileira.

Numa brevíssima perspectiva, temos que ao redor de 1870, Callado e o Choro

revista clube do choro.indd 16 14/04/2014 18:22:18

TANIA AMARAL



Carioca ficaram famosos com seu grupo de flauta (ou outro instrumento solista), violões e cavaquinho, a 'formação ideal' para Batista Siqueira. Depois, Chiquinha Gonzaga e seu piano acabaram por entrar no grupo. O pianista Nazareth com seus tangos e valsas foram fundamentais na fixação do gênero choro. Durante as primeiras décadas do século XX, Tute surge com o violão de 7 cordas e as 'baixarias'. O pandeiro demorou em aparecer cerca de 40 a 50 anos até ser incorporado e dar mais força ao ritmo. Pixinguinha trouxe o terreiro, a negritude e pitadas de jazz, que ouviu pelo mundo afora. Os Turunas da Mauricéia tocavam o sertão e chacoalharam o sudeste. Desde os anos 40 o genial Garoto, Radamés, Severino Araújo, Orlando Silveira, Esmeraldino Sales, Portinho entre outros, vão dando novas cores, sofisticando os arranjos. Isto, sim, com os meios de comunicação cada vez mais fechados para os chorões. Na década de 1970 aparecem os Clubes do Choro – e programas como os de Julio Lerner na TV Cultura, verdadeiras trincheiras nessa guerra –, Marcus Pereira com sua idealista gravadora, e novos trabalhos de referência, como o álbum "Memórias – Chorando" de Paulinho da Viola (1976), as experiências do eletrificado grupo A Cor do Som, da Camerata Carioca, de Canhoto da Paraíba, da Oficina de Cordas de Pernambuco, de Plauto Cruz, de Evandro do Bandolim, de Izaías e Seus Chorões, de Raphael Rabello, de Laércio de Freitas etc. Alguns Clubes lograram êxito, caso de Brasília e o nosso de Santos, e permaneceram. Vários se extinguiram. Entretanto, os talentos continuam aflorando, mesmo com o eclipse do gênero perante o grande público, caso hoje de instrumentistas como Danilo Brito, Milton Mori, Edmilson Capelupi, Proveta, Alessandro Penezzi, Daniel Migliavacca, Hamilton de Hollanda, Yamandu Costa entre várias outras perolas de nossa musicalidade que conseguem adeptos pelo mundo afora, provando cabalmente a qualidade e potencial de nossa música. "Tico-tico no Fubá" é conhecido até entre os esquimós.

Se o que encontramos hoje é, então, uma descaracterização da cultura brasileira, resultante desse processo violento executado pela indústria cultural, cabe empreender a defesa destes valores de forma contundente e sem sermos xenófobos. Implementar uma política sobre os meios de comunicação é um passo importante.

Mestre na área de Ciências Sociais, colunista da Rádio 9 de Julho AM, do Jornal Mundo Lusíada, da Web Rádio Cantareira FM de São Paulo e autor do livro "Chorando na Garoa – Memórias Musicais de São Paulo".

revista clube do choro.indd 17 14/04/2014 18:22:19

DADINHO E LUIZINHO 7 CORDAS

por Jorge Maciel*

Vamos falar de dois músicos da Cidade que se tornaram ícones nos seus instrumentos: Dadinho do Bandolim e Luizinho 7 Cordas.

Oswaldo Pascoareli Bartolotto, mais conhecido como Dadinho do Bandolim.Nascido em 13 de outubro de 1909, começou a tocar cavaquinho, seu primeiro instrumento, aos 9 anos de idade. Autodidata!

Trabalhou na Cia Docas de Santos, onde se aposentou. Formou vários conjuntos regionais, tocou em várias orquestras da cidade, na época já tocava violão tenor, instrumento introduzido no Brasil pelo músico paulistano Aníbal Augusto Sardinha, o popular Garoto. É um instrumento de apenas 4 cordas, com afinação de lá-ré-sol-dó, e que tem no seu interior um disco de alumínio que dá um som um pouco mais metálico. Coisa linda!

Dadinho era figura quase que obrigatória em vários Choros Carnavalescos de Santos.

Mas foi com conjuntos regionais que ele se identificou mais. Tanto que participou com seu conjunto nos Festivais de Choro que a TV Bandeirantes promoveu na década de 70. E nessa ocasião conheceu o consagrado pianista Arthur Moreira Lima, que foi membro da comissão selecionadora (a propósito, o jornalista Sérgio Cabral, conselheiro do Clube e convidado de honra de nosso 11º aniversário – vide foto – fazia parte do corpo de jurados). Como alguns choros de seu regional foram selecionados, Arthur Moreira Lima veio a Santos para conhecer o Conjunto Regional do Dadinho. Na época era formado pelos músicos: Dadinho ao bandolim, Luizinho 7 Cordas, Zé de Barros, no violão de 6 cordas, Teco no acordeom, Milton no cavaco de centro e Carlinhos no pandeiro. Este foi sem dúvida o melhor conjunto que o velho Dadinho montou.



Quando Moreira Lima viu esse pessoal tocando, se admirou com tanta qualidade que convidou Dadinho e seu conjunto para tocar uma semana com ele no Teatro João Caetano, no Projeto Seis e Meia, criado pelo produtor cultural Albino Pinheiro, no Rio de Janeiro. Sucesso absoluto.

Dadinho teve outro conjunto depois desse, com o nome Flor Amorosa, cuja formação inicial era Dadinho, Jorge Maciel, no violão de 7 cordas, Abelar no violão de 6 cordas, Moacyr Cardoso na flauta, Jacarandá no cavaquinho e Carlinhos no pandeiro. Depois integraram o conjunto dois cantores: o grande seresteiro Lutero Camino e Guiomar do Bandolim. Outros músicos integraram também o conjunto durante sua existência.

Depois desse encontro com Arthur Moreira Lima, surge outro ícone da música brasileira: Luiz Araújo Amorim, mais conhecido como Luizinho 7 Cordas, nascido em

revista clube do choro.indd 18 14/04/2014 18:22:19



LUIZ FERNANDO ORTIZ



31/10/1946, na cidade de Marília, mas veio para Santos, ainda bem menino e adotou esta Cidade como sua.

Esse grande instrumentista foi revelado para o mundo através dos Festivais de Choro da TV Bandeirantes. Quando começou a despontar como 7 cordas de respeito, Evandro do Bandolim não perdeu tempo: contratou Luizinho para ser o violão 7 Cordas de seu famoso conjunto, em São Paulo. Isso era o que Luizinho precisava para se destacar no cenário nacional e até internacional. Evandro o levou para acompanhá-lo várias vezes no Japão, onde Luizinho é, até hoje, muito respeitado.

Existem passagens curiosas sobre o Luizinho. Dizia o saudoso Miltinho do cavaquinho, que quando havia uma roda de choro em algum lugar da cidade, lá vinha o Luizinho, menino ainda, com seu violão azul, ou verde, de 6 cordas se juntar aos músicos e alguém dizia sempre:

– Lá vem esse menino atrapalhar a roda ...

Eu mesmo tive uma experiência interessante juntamente com meu amigo Luiz Pires.

Em 1991 quando o magistral Raphael Rabello veio a Santos acompanhar o cantor Ney Matogrosso, fomos, eu e o Pires, no hotel onde o Raphael estava hospedado para convidá-lo a ir numa roda de choro na casa do Luizinho, lá na rua Santos Dumont, porque era aniversário da dona Neusa – esposa do Luizinho e levamos algumas partituras escritas pelo Luiz. Foi quando o Raphael Rabello nos disse:

- Esse Luizinho é incrível! Eu já falei pra ele que ele tem que vir morar no Rio. Ele é excelente e no Rio não tem quem faça esse trabalho que ele faz de escrever partituras com tamanha maestria e perfeição, sou fã do Luizinho.

Mas Luizinho preferiu ficar em São Paulo, por causa da família.



SALVE DADINHO!!!
SALVE LUIZINHO 7 CORDAS!!!

* Diretor artístico do Clube do Choro

revista clube do choro.indd 19 14/04/2014 18:22:20

O CHORO EM SÃO PAULO

Alex Mendes*

Para falarmos do Choro na Terra da Garoa, vamos lembrar um evento que ocorreu em Sampa há quase 50 anos passados quando o carioca Jacob do Bandolim foi convidado pela TV Record/SP para organizar um especial de TV chamado Noite dos Choristas. Visionário, Jacob entendeu que aquele momento era único e para o final do programa preparou uma surpresa, um regional com 70 músicos amadores, o programa foi um sucesso e no ano seguinte (1956) Jacob organizou um regional de choro ainda maior, composto desta vez por 133 integrantes. Para ter uma ideia, apenas violonistas eram 40 e bandolinistas eram 17, sendo um deles o Izaias Bueno de Almeida. Se fosse feito um evento parecido nos dias de hoje, este número seria com certeza duas ou três vezes maior.

Este evento além de servir de exemplo para termos uma ideia da grande quantidade de músicos residentes em São Paulo na década de 50, também nos trás algo fundamental para o Choro que é o "tocar junto", dividir um solo, improvisar com alegria, diversão, respeito e, sobretudo amizade.

Atualmente cabe aqui ressaltar alguns trabalhos importantes realizados em São Paulo que tem este objetivo de agregar e fortalecer o gênero como os trabalhos didáticos realizados pelo Clube do Choro de Santos, os livros Chorando na Garoa - Memórias Musicais de São Paulo de José de Almeida Amaral, Garoto, O Gênio das Cordas organizado por Mario Albanese e o Projeto Choro na Manhã que é realizado há mais de 7 anos no Centro Cultural do Jabaquara, organizado e realizado pelo Conjunto Retratos, os programas de rádio Clube do Choro de São Paulo apresentado por Guta do Pandeiro e o programa Chorinho Brasil apresentado por João Thomas do Amaral. O choro em Sampa caminha assim, vivo e pulsante, por isso continuo a ser um "eterno inconformado otimista" e acredito que estamos no caminho certo.

Insisto na idéia de que a "amizade" está acima do virtuosismo. A amizade entre as pessoas envolvidas com o choro, simpatizantes, músicos, produtores, escritores, professores e ouvintes deve se fazer sempre presente, pois fortalece o gênero e forma um público mais consciente.

No livro Reminiscencias dos Chorões Antigos (1936) de Alexandre Gonçalves Pinto, a palavra "Amigo" é mencionada exatas 247 vezes... Acredito que seja uma dica do autor para a preservação do gênero, amizade acima de tudo!... Quem avisa, amigo é.

* Bandolinista do Conjunto Retratos

LOGITRADE
REPRESENTAÇÃO, TRANSPORTES E COMÉRCIO INTERNACIONAL LTDA.

revista clube do choro.indd 20 14/04/2014 18:22:20

VULCAN 900 CLASSIC LT

A EXTRADA CHAMA, VOCÊ TOCA.

PRONOME.COM.BR



Carvalho de Mendonça, 112 - Tel.: (13) 3228.7272
Exposição: Ana Costa, 474 - Tel.: (13) 3289.6667
www.extremakawasaki.com.br

EXTREMA
CONCESSIONÁRIA AUTORIZADA
KAWASAKI DO BRASIL

NOVA SEDE SOCIAL: CLUBE DO CHORO FIRMA PARCERIA COM A PREFEITURA

A grande novidade neste início de 2014 foi a reconquista de uma sede pelo Clube do Choro de Santos, que estará sob um novo teto no centro histórico, em um casarão no número 68 do boulevard da Rua XV de Novembro, pertinho da Bolsa do Café, graças a convênio firmado com a Prefeitura Municipal pelo Decreto nº 6565, através da Secult, oriundo de projeto do ex-vereador Odair Gonzalez. Datado de 1905, o imóvel está sendo reformado para abrigar em sua programação workshops para os alunos da Escola de Choro, rodas de choro integrando alunos e músicos experientes, palestras, apresentações musicais, lançamento de livros, exposições e outras atividades.

Ressaltamos também a destinação de recurso através de Emenda Parlamentar do Vereador Murilo Amado Barletta, a qual viabilizou as comemorações do Dia Nacional e Municipal do Choro em 2014, evento do Calendário Oficial da Cidade.



FERNANDA LUZ

ÍNDICE

Editorial
VELHAS HISTÓRIAS, MEMÓRIAS FUTURAS • pag 3

Marcello Laranja
O CHORO NO FUTURO • pag 4

Luiz Fernando
ESCOLA DE CHORO FORMANDO JOVENS E TRANSFORMANDO VIDAS POR MEIO DA MÚSICA • pag 5

René Rivaldo Ruas
DE VOLTA PARA O FUTURO • pag 8

Roberta Valente
A NOVA GERAÇÃO DO CHORO DE SÃO PAULO • pag 9

Alex Mendes
O CHORO EM SÃO PAULO • pag 10

Thais Matarazzo
PIXINGUINHA, O REVOLUCIONÁRIO DO CHORO • pag 11

Luiz Pires
ZÉ BARBEIRO E O PÉ DE CACHORRO • pag 14
PENEZZI, CHORÃO DE CORPO E ALMA • pag 15

José Amaral
RODAS DE CHORO, MOVENDO-SE AO FUTURO • pag 16

Jorge Maciel
DADINHO E LUIZINHO 7 CORDAS • pag 18

revista clube do choro.indd 22 14/04/2014 18:22:20

LUIZ FERNANDO ORTIZ



EXPEDIENTE

Clube do Choro de Santos – OSCIP
Ministério da Justiça nº 08026.012288/2004-11
www.clubedochoro.org.br
CNPJ/MF nº 05.798.009/0001-03
Declaração de Utilidade Pública Municipal – Lei nº 2389, de 18/05/2006

Diretoria Executiva
Presidente: Marcello Machado de Campos Laranja
Vice-Presidente: Luiz Antônio Pires
Secretário: Renê Rivaldo Ruas
Diretor Administrativo-Financeiro: Ademir Antônio Gargiulo Soares
Diretor da Escola de Choro: Luiz Fernando Costa Ortiz
Diretor Artístico: Jorge Maciel
Diretor de Patrimônio: Adilvaldo Domingues Peres
Diretor Jurídico: Luiz Simões Polaco Filho
Diretor Jurídico Adjunto: Jean Rodrigues Teixeira
Diretor de Projetos: Osvaldo de Souza Freires
Diretor de Arte: Joacir Alves de Oliveira (Jotarelli)
Diretora de Multimeios: Márcia Salles Okida

Conselho de Administração
Geraldo César Pierotti – Presidente
Luiz Araújo Amorim (Luizinho 7 Cordas)
Henrique Lima Santos Filho (Reco do Bandolim)
Florival Amado Barletta
Sérgio Cabral Santos
Carlos Frigério
Egeu Laus Simas
Newton da Silva
Plínio Ganev
Cristina Bezerra Caetano

Conselho fiscal
Herlinha Gomes de Souza
Guiomar Szabo
Fabrício Gandini Caldeira
Jussara Paulino de Souza
Obed Zelinschi de Arruda
Reinaldo Vieira dos Santos

A revista Clube do Choro de Santos é uma iniciativa da própria entidade, com distribuição dirigida. Todos os direitos são reservados ao Clube do Choro de Santos. A revista não se responsabiliza pelos serviços e produtos apresentados pelas empresas que estão sendo veiculadas nesta edição, os quais estão sujeitos às normas do Código de Defesa do Consumidor. As fotos, artes, textos e artigos assinados são de responsabilidade dos colaboradores e autores estando protegidos pela legislação brasileira sobre direito autoral. Não reproduza o conteúdo da revista em qualquer meio de comunicação, eletrônico ou impresso, sem autorização do Clube do Choro de Santos.

revista clube do choro.indd 23 14/04/2014 18:22:22

Confiança total.

Quando você se sente seguro você voa mais alto.

GANEV CORRETORA DE SEGUROS.
Proteção total para você, sua família e todos os bens que você preserva como mais valiosos.



GANEV
CORRETORA DE SEGUROS

www.ganevcorretoradeseguros.com.br
ganev@ganevcorretoradeseguros.com.br
(13) 3222.8987 • (13) 7804.7511
ID 55*44*10101

- Seguros em geral
- Previdência privada
- Consórcio de autos e imóveis
- Certificação Digital